

**ESTUDOS  
ARQUEOLÓGICOS  
DE OEIRAS**

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
1996

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**

Volume 6 · 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho  
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras  
2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta*

*On prie l'échange*

*Exchange wanted*

*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS INÉDITOS DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE CARNAXIDE (OEIRAS)

João Luís Cardoso <sup>(1)</sup>

### 1 - ANTECEDENTES

A região adjacente da povoação de Carnaxide é de há muito conhecida na bibliografia arqueológica. Com efeito, VASCONCELLOS (1895, 1896) demonstrou a estreita relação existente entre o culto mariano, ainda hoje celebrado em imponente templo situado na margem direita do rio Jamor e o interesse arqueológico da gruta sobre a qual foi construído, a mesma que, em 1822, forneceu materiais arqueológicos que estiveram na origem o referido culto (CARDOSO, 1995). Tal gruta integra um conjunto de diversas cavidades naturais, utilizadas como necrópole no Neolítico e no Calcolítico, de pequenas dimensões, abertas nos calcários duros do Cretácico inferior, que por vezes constituem cornija, marginando o vale do rio Jamor, especialmente ao longo da sua margem esquerda. Alguns dos materiais exumados em tais cavidades, conservados no Museu Nacional de Arqueologia, foram objecto de publicação recente (CARDOSO, 1995).

O povoado pré-histórico de Carnaxide encontra-se, em parte, defendido naturalmente por uma dessas cornijas calcárias, limitando-o do lado sul-ocidental. Trata-se de uma encosta suave, com pendor para SW, sobre o rio Jamor, configurando implantação topográfica de características semelhantes às do povoado pré-histórico de Leceia, situado 2,5 Km para WNW, em linha recta (Fig. 2).

As suas coordenadas geodésicas Gauss são as seguintes: R 028 958 (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, Folha 430 - Oeiras, Lisboa, 1970).

As principais recolhas de materiais arqueológicos na zona do povoado pré-histórico devem-se a Abílio Roseira, na década de 1920 e inícios da seguinte. Com efeito, algumas peças agora estudadas e conservadas no Museu Nacional de Arqueologia, por ele colhidas, conservam a lápiz datas que confirmam tal afirmação: Maio/1926 (1 ex.); 14/8/1926 (3 ex.); 7/9/1926 (4 ex.); 5/10/1928 (6 ex.); 16/12/1928 (1 ex.); 30/6/1929 (1 ex.); 20/8/1931 (1 ex.); 25/8/1931 (4 ex.); Set. 1931 (5 ex.); 16/9/1932 (3 ex.).

Conclui-se, pois, que as colheitas de Abílio Roseira se terão distribuído sobretudo nos verões dos anos de 1926 a 1932. Os abundantes e importantes materiais então obtidos mantiveram-se inéditos, o mesmo se verificando quanto à estação, exceptuando-se pequena notícia, relativa a uma conferência por ele apresentada no Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, onde se afirma: "No Vale do Jamor (Senhora da Rocha) descobriu um castro calcolítico de grande riqueza" (ROSEIRA, 1953, p. 301). Porém, não foi Abílio Roseira o primeiro a dar conta da existência do

---

<sup>(1)</sup> Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.



Fig. 1 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Vista parcial da sondagem executada em 1990. Foto de J. L. Cardoso.

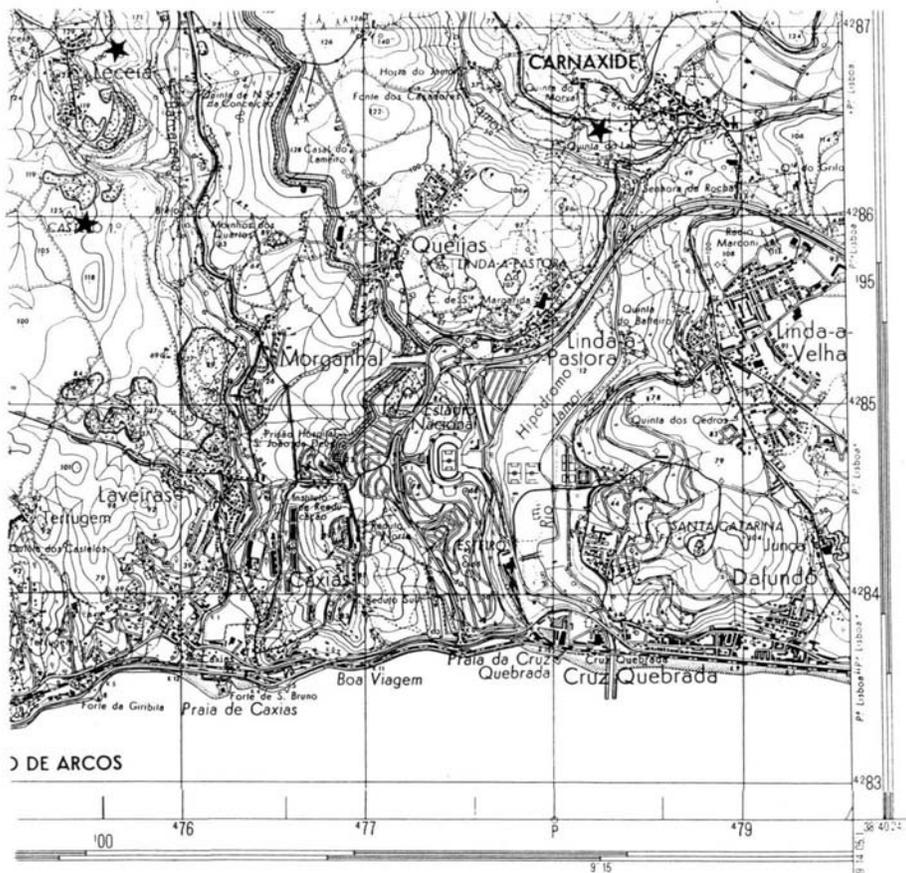


Fig. 2 – Extracto da Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000 (folha 430, Oeiras, S.C.E., 1970). À direita, o povoado pré-histórico de Carnaxide; à esquerda, os povoados pré-históricos de Leceia e do Monte de Castelo.

povoado pré-histórico. Com efeito, as primeiras recolhas foram efectuadas por Carlos Ribeiro (f. 1882), director da então Comissão dos Trabalhos Geológicos, Instituição onde se conservam os materiais arqueológicos resultantes dessas pioneiras explorações. Foram dados a conhecer por ZBYSZEWSKI *et al.* (1959). Na referida publicação, um dos autores (O. da Veiga Ferreira) declara ter retomado "... com a colaboração do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, as escavações que deram espólio, quer dentro de algumas grutas e abrigos, quer no próprio povoado" (p. 114). Porém, os resultados respectivos jamais foram publicados. No final da década de 1950, dois outros investigadores interessam-se pela exploração do povoado pré-histórico, ali tendo executado sondagens em diversos locais (ANDRADE & GOMES, 1959). Esta foi a derradeira publicação dedicada à estação arqueológica; na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1993), corresponde-lhe o número 94.

Em 1990 procedemos a uma sondagem localizada em estreita faixa de terrenos em zona periférica do povoado, junto à escarpa que o margina (Fig. 1). Os resultados obtidos confirmaram que a área de maior interesse arqueológico se encontra sob espessa cobertura de aterros, ali depositados nos finais da década de 1970 pelo proprietário do terreno, tornando inacessíveis os depósitos arqueológicos. Com efeito, as prospecções realizadas por nós próprios, e por Guilherme Cardoso, desde 1972, e ainda por elementos do Centro Cultural Roque Gameiro, da Amadora, antes da deposição dos referidos aterros, eram concludentes quanto ao real interesse arqueológico do sítio, reforçando as conclusões obtidas por ANDRADE & GOMES (1959), que indicam a distribuição espacial dos materiais recolhidos à superfície, bem como a localização das sondagens que realizaram. Afigurando-se de momento impossíveis novas explorações, impunha-se o estudo e publicação da importante colecção recolhida por Abílio Roseira, cujos materiais se mantinham, ao contrário das recolhas de Carlos Ribeiro e das promovidas por G. M. Andrade e J. J. F. Gomes, totalmente inéditos. Dá-se, deste modo, seguimento ao estudo desta estação arqueológica, que pretendemos retomar no terreno logo que possível. Ao conjunto conservado no Museu Nacional de Arqueologia, juntaram-se alguns materiais resultantes das colheitas realizadas sob a égide do Centro Cultural Roque Gameiro (Amadora), entretanto incorporados nas colecções do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

## 2 - OS MATERIAIS

Todos os materiais estudados pertencem às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, salvo os casos assinalados em contrário.

### 2.1 - Pedra polida

#### 2.1.1 - *Machados*

Identificaram-se três machados (Fig. 3, nº. 2, 3 e 5). O primeiro exhibe secção oval achatada e é de anfibolito; trata-se de tipo que ocorre preferencialmente no Neolítico final de Leceia; o segundo, também de anfibolito, e de secção rectangular, corresponde ao tipo mais abundante no Calcolítico da região, embora seja conhecido anteriormente. Tem a particularidade de o gume ser oblíquo, facto que estará relacionado com o ângulo entre o corpo do machado e o cabo, a menos que a obliquidade fosse intencional, de modo a facilitar o corte. Tal característica foi por nós observada em muitos outros exemplares líticos, mas em nenhum metálico coevo daqueles, o que permite considerar como mais provável a primeira hipótese. De salientar, ainda, a existência de grande machado incompleto totalmente polido (Fig. 3, nº. 5), de secção oval e de dolerito, exemplar raro nos contextos pré-históricos estremenhos; pela tipologia integra-se no Neolítico final.

#### 2.1.2 - *Escopros*

Um fragmento proximal de artefacto espesso e alongado de anfibolito (Fig. 3, nº. 1) poderia pertencer a um escopro.

### **2.1.3 - *Cunha ou formão***

Trata-se da extremidade de artefacto ou de anfibolito de rocha xisto-siliciosa de grão fino que, pela robustez e pela presença de um gume estreito e cortante (Fig. 3, nº. 4) poderia pertencer a cunha ou formão, a menos que correspondesse à extremidade anterior de uma “picareta de mão”, idêntica a exemplar de Leceia (CARDOSO, 1981, Est. 1, nº. 3).

### **2.1.4 - *Enxós***

Trata-se do grupo mais numeroso de artefactos de pedra polida; pertencem-lhe cinco exemplares (Fig. 4, nº. 1 a 5). O último foi recolhido por elementos do Centro Cultural Roque Gameiro em 1979. São de anfibolito, de médias e pequenas dimensões, exibindo, em geral, secção rectangular achatada; apresentam polimento na quase totalidade da superfície.

## **2.2 - *Pedra lascada***

Tratando-se de colheitas superficiais, não se julgou pertinente a apresentação exaustiva de todos os materiais, nem, tão-pouco, a distribuição percentual correspondente a cada um dos tipos identificados. Limitámo-nos, por isso, a salientar os traços mais característicos do conjunto lítico com base nos tipos mais frequentes que o constituem. Todos os artefactos são de sílex, de origem local. Predominam as colorações branco-acinzentadas, características dos nódulos inclusos nos calcários do Cenomaniano superior, aflorantes na área do povoado pré-histórico. No conjunto dos picos e raspadeiras espessas de Carnaxide reside um dos maiores interesses do espólio arqueológico dado agora a conhecer.

### **2.2.1 - *Picos***

Trata-se de um dos principais tipos de artefactos. Correspondem a peças estreitas e alongadas, sempre muito espessas, de formato triédrico ou prismático. As duas faces laterais apresentam-se invariavelmente trabalhadas por negativos verticais e imbricados (em “gradin”), formando gumes espessos, por vezes massacrados. A extremidade proximal destas peças apresenta-se ocupada por superfície plana, vertical correspondente, nalguns casos, ao plano de percussão da lasca original, cuja superfície de separação se conserva, frequentemente, em parte ou na totalidade do reverso. A extremidade distal das peças em apreço termina em bico espesso, com formato de pirâmide triangular; em alguns exemplares esta extremidade exhibe uso, denunciado por ténue boleamento das arestas. O anverso apresenta-se fortemente convexo; em alguns casos, é percorrido por uma crista longitudinal central mais ou menos sinuosa. O reverso corresponde ao plano de separação da lasca; por vezes, encontra-se ocupado por levantamentos sub-horizontais cobridores, a partir de ambos os bordos laterais. Treze das peças mais características reproduzem-se na Fig. 5, nº. 1 a 8 e na Fig. 6, nº. 1, 3 a 6. Alguns pequenos exemplares, morfológicamente idênticos aos de maiores dimensões, ostentam cuidadosos retoques sub-verticais, afeiçoando bordo abatido (Fig. 5, nº. 1).

### **2.2.2 - *Raspadeiras***

Trata-se do conjunto lítico mais importante identificado na estação, podendo ser decomposto nos seguintes grupos artefactuais:

#### **2.2.2.1 - *Raspadeiras sobre lâminas ou lascas laminares espessas***

A técnica de obtenção deste tipo é idêntica à utilizada para a produção dos picos descritos anteriormente, com a diferença de, neste caso, a extremidade útil corresponder a uma frente de raspadeira. A espessura do suporte confere aspecto carenado às peças em causa. Reconheceram-se duas variantes: as raspadeiras “estreitas” e as raspadeiras com a extremidade mais larga, de contorno circular ou ogival. À primeira, pertencem os exemplares da Fig. 7, nº. 2, 4, 5

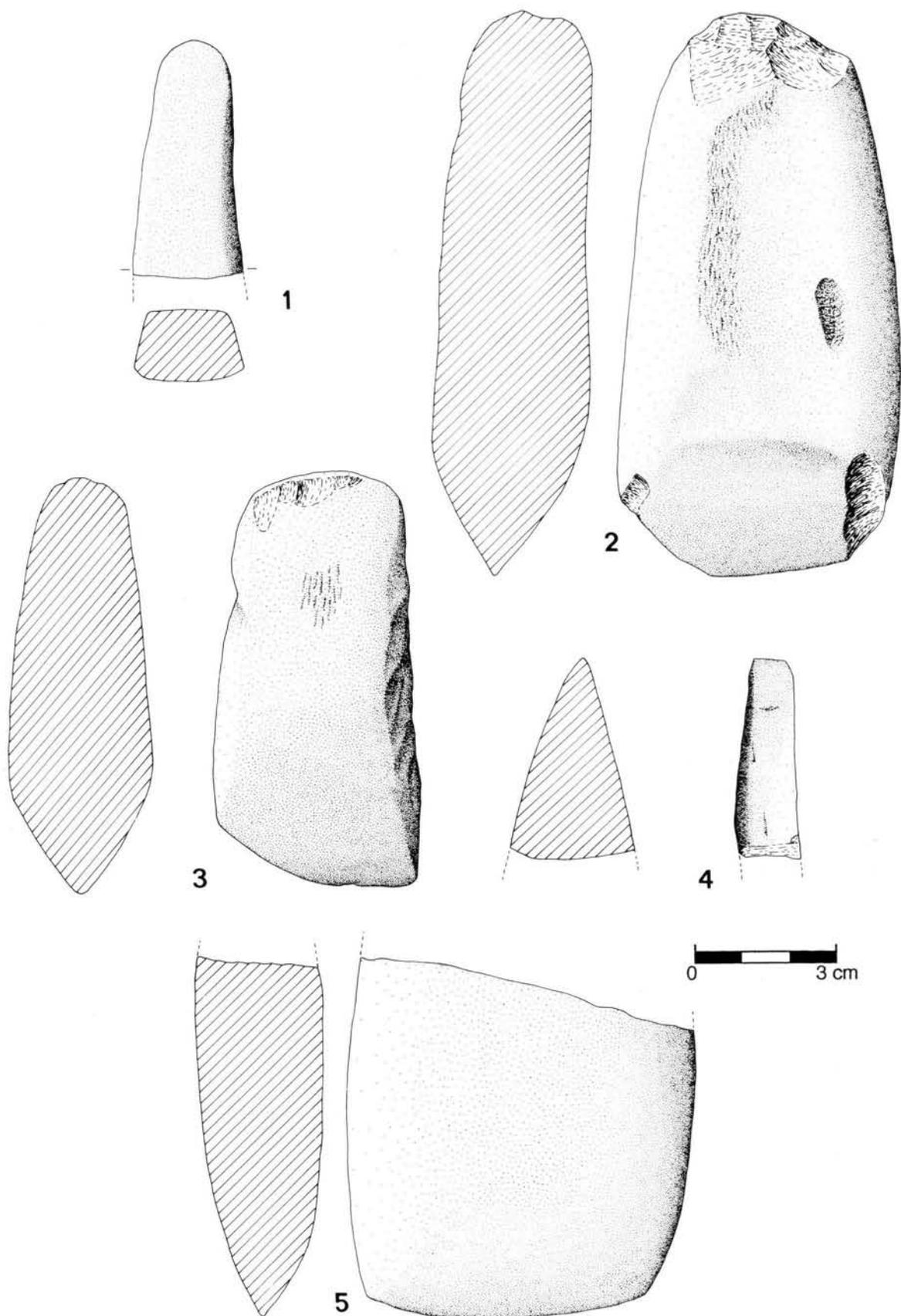


Fig. 3 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra polida.

e 9 e da Fig. 8, nº. 2, 3, 6 e 9; à segunda, os exemplares da Fig. 7, nº. 3, 5 a 8 e 10 e da Fig. 8, nº. 14. Por vezes o alargamento terminal é acentuado por duplo ombro, existente sobre ambos os bordos laterais.

#### **2.2.2.2 - Raspadeiras sobre lâminas ou lascas laminares planas**

Difere do grupo anterior pela menor espessura do suporte; este tipo não ostenta levantamentos laterais imbricados e subverticais, nem a típica carena terminal, que caracteriza os artefactos do grupo anterior. Porém, tal como naquele, é possível identificar exemplares estreitos, com frente de raspadeira de contorno sub-circular, convexo ou ogival e exemplares com a referida frente alargada, a que pertencem, respectivamente, os reproduzidos nas Fig. 8, nº. 7, 8, 10 a 12 e Fig. 9, nº. 9 e os da Fig. 8, nº. 13 e Fig. 9, nº. 11.

#### **2.2.2.3 - Raspadeiras espessas sobre lasca**

Um exemplar carenado, retocado por levantamentos subverticais nos bordos laterais e na base (Fig. 8, nº. 1), regularizando o contorno original da lasca.

#### **2.2.2.4 - Raspadeiras sobre lasca com duplo entalhe lateral**

Um exemplar, finamente retocado, com frente ampla de raspadeira (Fig. 9, nº. 2).

#### **2.2.2.5 - Raspadeiras em leque, sobre lasca**

Um exemplar com retoques semi-abruptos (Fig. 9, nº. 5).

#### **2.2.2.6 - Raspadeiras sub-circulares, sobre lasca**

Dois exemplares (Fig. 9, nº. 1 e 6).

#### **2.2.2.7 - Raspadeiras unguiformes**

Dois exemplares, um dele incompleto (Fig. 9, nº. 4 e 7).

#### **2.2.2.8 - Raspadeiras sobre lascas irregulares**

Três exemplares (Fig. 8, nº. 16; Fig. 9, nº. 8 e 12).

Além dos grupos referidos, há ainda fragmentos de raspadeiras, de que algumas se representam nas Fig. 9, nº. 3 e 10, provavelmente pertencentes ao conjunto descrito em 2.2.2.2.

#### **2.2.3 - Pontas**

Um exemplar sobre lasca com retoque marginal contínuo em ambos os bordos laterais, afeiçoados em raspador duplo convexo e convergente para ambas as extremidades, das quais a distal poderia ter sido utilizada como ponta (Fig. 8, nº. 15).

#### **2.2.4 - Pontas de seta**

Um exemplar de base triangular, característico dos inventários do Neolítico final estremenho (Fig. 6, nº. 2).

#### **2.2.5 - Elementos de foice sobre lamela**

Um exemplar, incompleto, com um dos bordos denticulado e com brilho, especialmente no reverso. O bordo oposto apresenta fino retoque marginal (Fig. 8, nº. 4). São muitos raros os elementos de foice deste tipo nos inventários pré-históricos da Estremadura. O exemplar em apreço deverá ser integrado no Neolítico ou no Calcolítico, atendendo a que, na Idade do Bronze, os seus homólogos são, exclusivamente, sobre lasca.

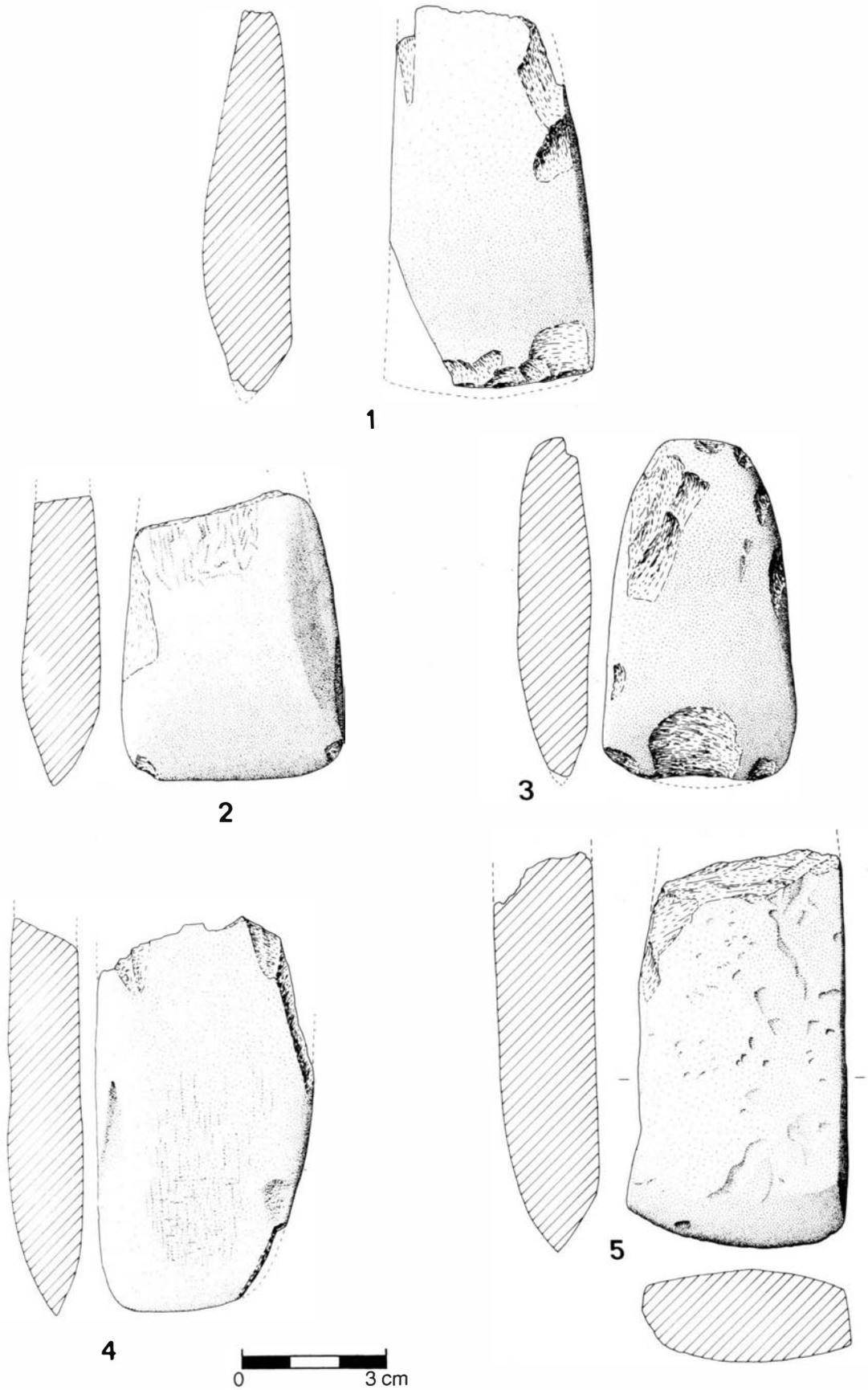


Fig. 4 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra polida.

### **2.2.6 - Elementos de foice sobre lasca**

Um exemplar profundamente serrilhado em um dos lados maiores, apresentando o oposto retoque abrupto, de regularização, destinado a facilitar o encabamento da peça (Fig. 8, nº. 5). Trata-se de tipo muito frequente no Bronze Final da região (CARDOSO *et al.*, 1980/81; CARDOSO *et al.*, 1986), sendo conhecido, embora vestigialmente, em épocas anteriores. A ausência de materiais cerâmicos da Idade do Bronze na estação sugere a hipótese de ser artefacto mais antigo, provavelmente de época campaniforme.

### **2.2.7 - Peças ovais ou sub-rectangulares de retoque cobridor**

Quatro exemplares de retoque cobridor, dos quais apenas um (Fig. 9, nº. 16) ostenta trabalho bifacial completo. Os três restantes mostram apenas uma das faces trabalhada, apresentando a outra pequenos retoques marginais descontínuos (Fig. 9, nº. 13 a 15). O brilho que três destas peças ostentam nas superfícies de lascagem sugere prévio aquecimento do sílex, de modo a facilitar o trabalho; tal brilho não se observa nos picos ou na maioria das raspadeiras (é excepção o exemplar da Fig. 9, nº. 7). Este grupo de artefactos que, entre outros, desempenhou funções como elementos de foice (daí a expressiva, embora incorrecta, designação de “foicinhas”, adoptada por A. do Paço) tem sido tradicionalmente reportado ao Calcolítico da Estremadura. Porém, o achado, no povoado pré-histórico de Leceia, de diversos exemplares na camada correspondente ao Neolítico final (CARDOSO *et al.*, 1996), vem demonstrar a existência destas peças em épocas anteriores ao Calcolítico, ao contrário do que até ao presente era admitido.

### **2.2.8 - Núcleos de lamelas**

Um exemplar de tendência piramidal, para a obtenção de lamelas (Fig. 7, nº. 1). O brilho intenso corrobora, tal como em algumas das peças anteriores, o uso do calor no trabalho de debitage.

## **2.3- Cerâmica**

Os fragmentos cerâmicos agora estudados distribuem-se por duas fases culturais bem definidas e muito distintas: o Neolítico final e o Calcolítico final (campaniforme). Todos os exemplares estudados resultaram de colheitas efectuadas pelo Centro Cultural Roque Gameiro, exceptuando-se o representado na Fig. 11, nº. 5, pertencente às colecções do Museu Nacional de Arqueologia.

### **2.3.1 - Neolítico final**

Pertencem a esta fase cultural diversos fragmentos com a característica decoração denteada sobre o lábio (Fig. 10, nº. 4, 5, 7 e 9), idênticos a outros exumados na camada 4 de Leceia, do Neolítico final, datada entre 3510 e 2900 cal AC para um conjunto de oito datas de radiocarbono, correspondente 95% da probabilidade (SOARES & CARDOSO, 1995). Acompanham este conjunto outras temáticas decorativas, como os mamilos sobre o bordo (Fig. 10, nº. 6), os cordões em relevo interrompidos por incisões (Fig. 10, nº. 8), bem como cerâmicas lisas, de onde se destacam as taças carenadas, de que alguns exemplares se representaram em publicação anterior (CARDOSO & CARDOSO, 1993, Fig. 35, nº. 7 a 9). Certos fragmentos com decorações incisivas, formando espinhados (Fig. 10, nº. 1 e 3), ou constituindo bandas preenchidas interiormente (Fig. 11, nº. 2), ou ainda impressas (Fig. 10, nº. 2), poderão integrar-se em uma etapa cultural anterior, o Neolítico antigo evolucionado, ou de tradição antiga, designação que preferimos, considerando a sobrevivência desta técnicas e temáticas decorativas até ao início do Neolítico final da região (CARREIRA & CARDOSO, 1992, 1994). Nesta medida, tais fragmentos poderiam considerar-se também do Neolítico final; a falta de indicações estratigráficas impede, porém, maiores certezas.

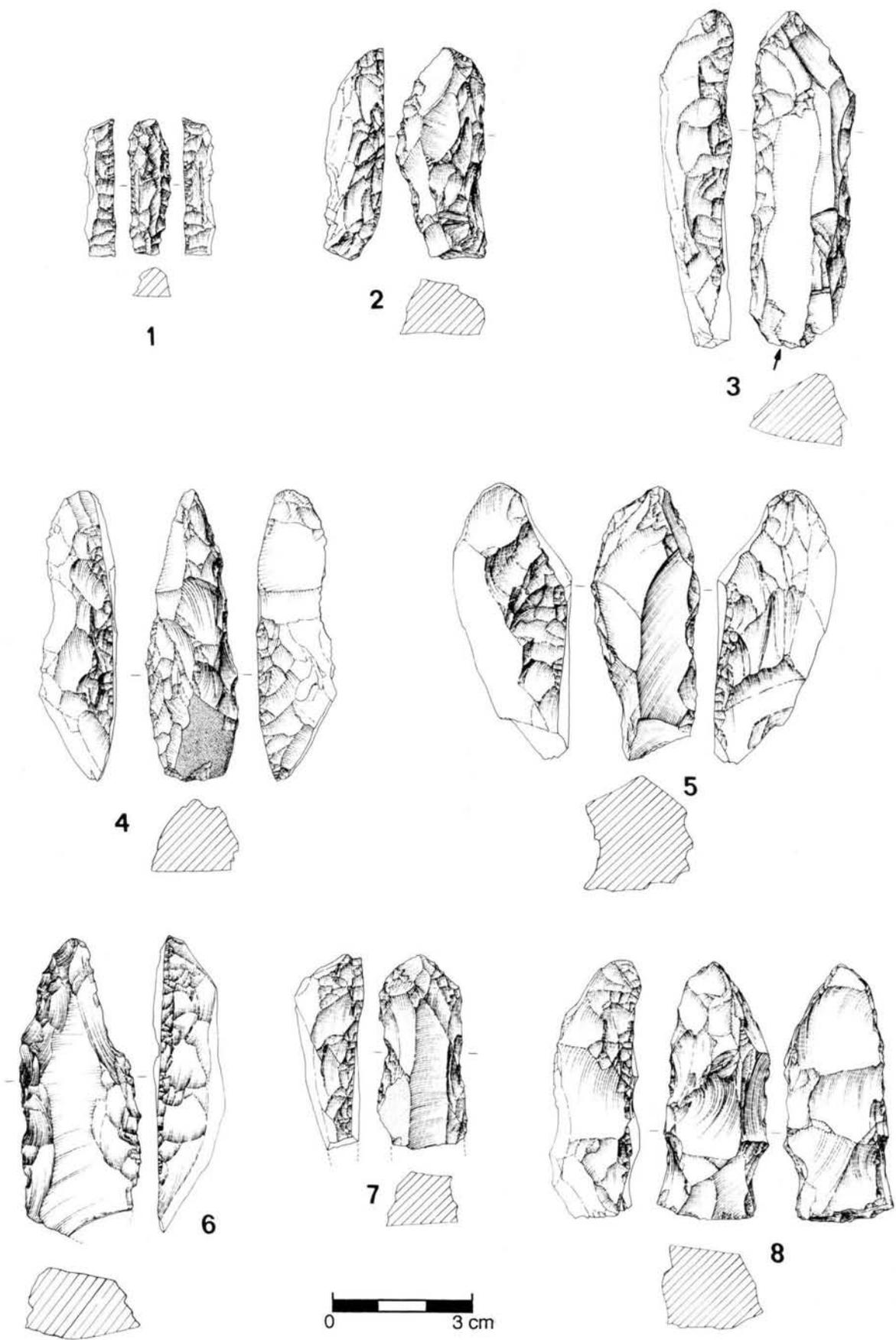


Fig. 5 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

### 2.3.2 - *Calcolítico final*

Este grupo encontra-se exclusivamente representado por materiais decorados campaniformes. Estão presentes as taças hemisféricas com decoração pontilhada, em padrão de linhas alternadamente rectilíneas e em zig-zag (Fig. 11, nº. 1), frequente em taças tipo Estoril (HARRISON, 1977); a fragmentos de taças são, ainda, de reportar os exemplares da Fig. 11, nº. 2 a 4, o primeiro dos quais inciso, pertence a um fundo; dois bordos, igualmente incisos, são de taças tipo Palmela (Fig. 11, nº. 5 e 6). O fragmento de suporte de lareira (Fig. 11, nº. 7) apresenta-se bem conservado e com superfície alisada e regularizada; excluindo-se a sua integração no Neolítico final e sendo pouco importante a ocupação do local no Calcolítico inicial e pleno, resta a possibilidade de este artefacto, de carácter funcional, pertencer ao Calcolítico final (CARDOSO & FERREIRA, 1990; CARDOSO, 1992), hipótese que não é de rejeitar no estado actual dos conhecimentos.

## 3 - COMPARAÇÕES, CRONOLOGIA E CONCLUSÕES

No conjunto ora estudado, as indústrias líticas correspondem ao grupo de maior interesse. Com efeito, é peculiar a técnica de lascamento evidenciada pelos picos e pelas raspadeiras espessas, artefactos para os quais escasseiam os paralelos. Trata-se de uma indústria local, conforme é indicado não só pela abundância e coerência tipológica dos respectivos produtos, mas também pela natureza da matéria-prima: o sílex branco-acinzentado em nódulos, inclusos nos calcários do Cenomaniano superior aflorante ao longo do vale do rio Jamor. Os picos, por vezes com indícios de utilização na extremidade distal, por boleamento, sugerem o seu uso como furador ou buril, usados por compressão e não por percussão. Exemplares idênticos, outrora ali recolhidos por C. Ribeiro, foram anteriormente aproximados dos “picos campinhienses” (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1959, Fig. 1, nº. 7 e 9). ANDRADE & GOMES (1959, p. 141 e Est. XVI) declaram, a propósito dos exemplares homólogos por eles recolhidos, o seguinte: “Aparecem ainda algumas peças grosseiras, muito espessas, de secção e formas variáveis (Est. XVI), sobre as quais nada sabemos dizer. Ignoramos se em estações próximas foram encontrados objectos com as mesmas características”.

Creemos que a reavaliação desta interessante questão mereceria, por si só, a apresentação deste estudo. Quanto à função dos picos, parece questão que se poderá considerar ultrapassada – afastada, entretanto, a hipótese de constituírem esboços de preparação de artefactos mais elaborados – facto que o massacramento dos bordos laterais e os vestígios de uso observados na extremidade distal contradizem: seriam peças compósitas, para furar, riscar e raspar. As pequenas dimensões não possibilitariam outras funções como a de cavar, atribuídas aos verdadeiros picos campinhienses. No que concerne à época, consideramos que há elementos suficientes para levantar a indeterminação resultante da natureza superficial das recolhas.

Verifica-se que a técnica de talhe é idêntica à das raspadeiras sobre lâminas espessas; a única diferença reside no facto de, nas raspadeiras, o bico da extremidade funcional se encontrar substituído por uma frente cortante. Deste modo, ambos os tipos de artefactos em apreço integram uma mesma indústria, com expressão crono – cultural específica, que importa caracterizar.

Os paralelos da Estremadura portuguesa são muito escassos. ANDRADE & GOMES (1959, p. 139) citam exemplares das grutas de Alcobaça e outros da gruta da Casa da Moura. Quanto aos de Alcobaça, os reproduzidos por NATIVIDADE (1899/1903, Est. X, nº. 55 a 57) não se afiguram semelhantes às raspadeiras de Carnaxide sobre lâminas espessas e muito menos aos picos. Também na Casa da Moura não há testemunho da existência de raspadeiras ou de picos com tais características (informação pessoal de J. R. Carreira, que se agradece). É nas estações designadas por “Monsanto”, onde avulta o sítio de Santana, junto da ribeira do vale de Alcântara, em Lisboa, que se encontram os paralelos mais próximos para as indústrias em apreço; com efeito, abundam ali, não apenas picos, mas também as raspadeiras sobre lâminas espessas. A cronologia de tais indústrias, de recolhas superficiais ou desprovidas de indicações estratigráficas, mantém-se indefinida; trata-se, provavelmente, de materiais de várias épocas, com nítida dominância dos neolíticos como H. Breuil já indicara em 1918 (BREUIL, 1918, p. 35, 36). O referido pré-historiador, revendo em 1942 os mesmos materiais notou que nalguns se observava “une vague saveur campignienne” (*in* OLLIVIER, 1946), observação

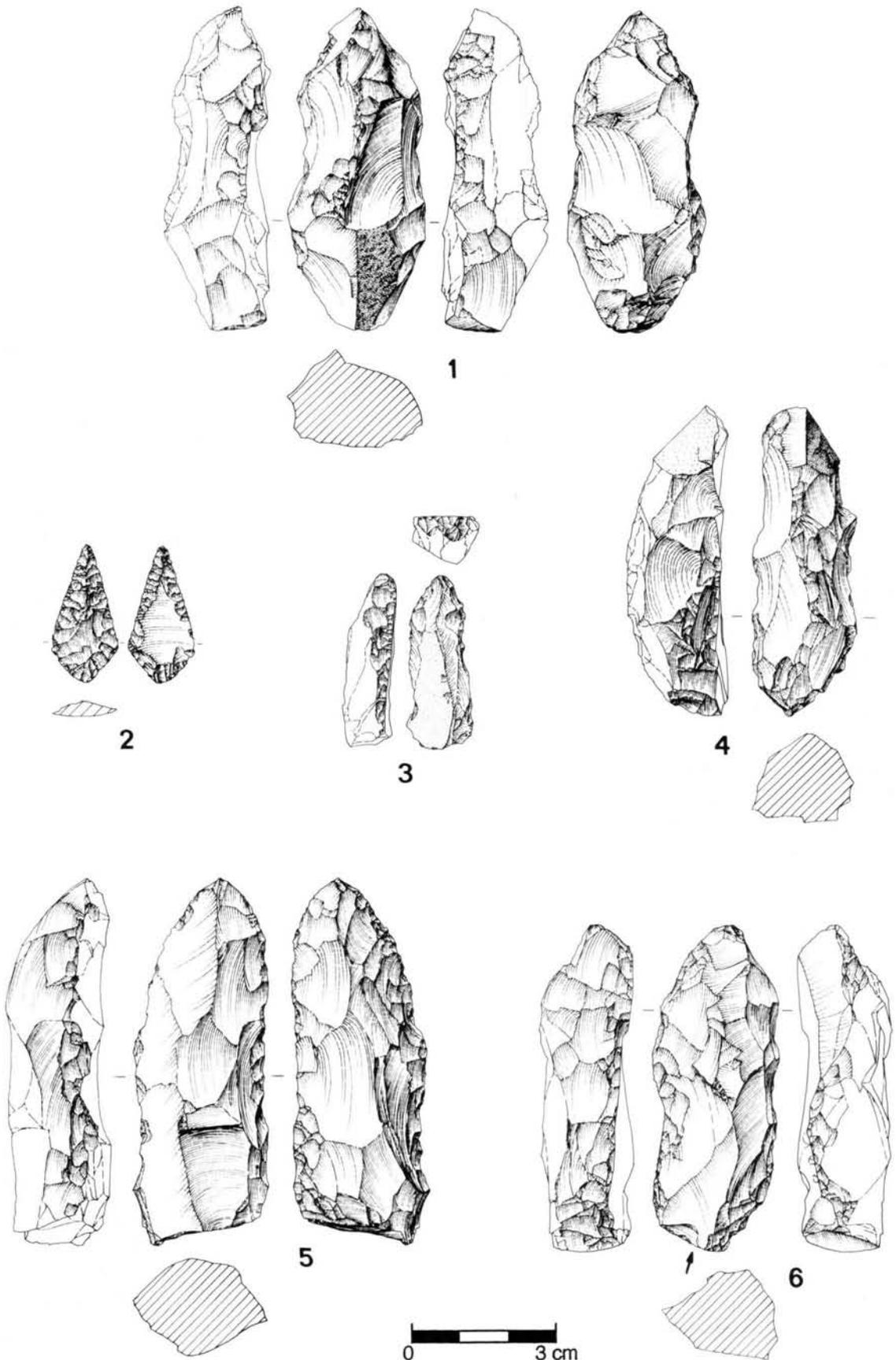


Fig. 6 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.



Fig. 7 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

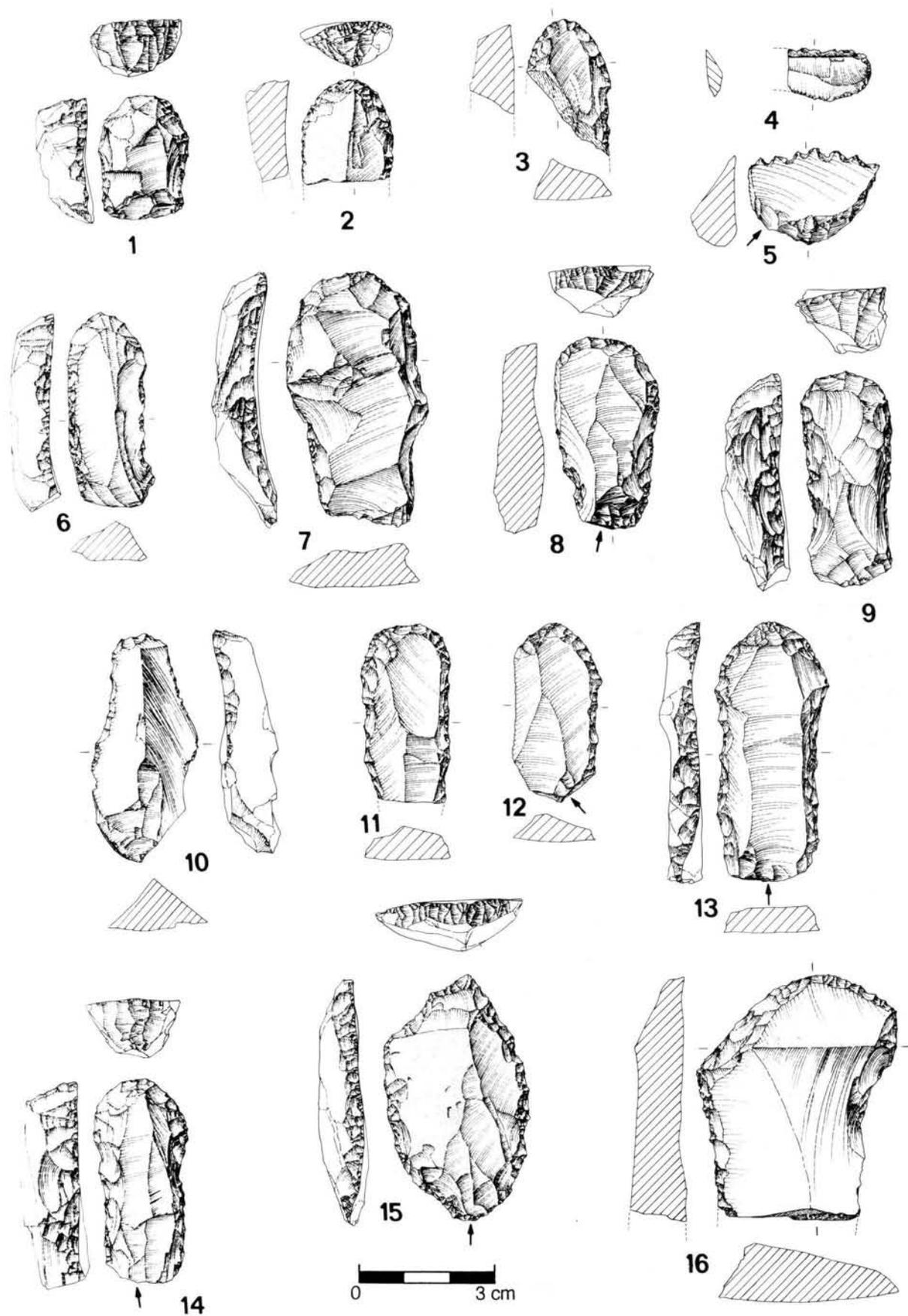


Fig. 8 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

que concorda com a referência por ZBYSZEWSKI *et al.*, (1959) quanto à existência em Carnaxide de formas evocativas dos picos campinhenses. Importa discutir tais afirmações. É incontestável que alguns dos picos reproduzidos neste estudo correspondem às características morfológicas – apesar do seu pequeno tamanho – de exemplares campinhenses – já OLLIVIER (1946) tinha salientado a semelhança, dentro do paleolítico da Amadora, de peças que se inscreviam no conjunto das indústrias campinhenses. Faltam, porém, quase totalmente, em Carnaxide, um dos tipos mais característicos daquelas indústrias: os “tranchets” artefactos sempre presentes nos conjuntos industriais em apreço (NOUGIER, 1950). Não há, pois razão para considerarmos em Carnaxide a presença de tal fácies industrial, aliás de distribuição geográfica distinta a nível europeu; cremos, contudo, que as indústrias de Monsanto e de Carnaxide possam constituir um seu pálido reflexo meridional, favorecido por condições naturais particularmente propícias, designadamente a abundância matéria prima de boa qualidade; tal disponibilidade viabilizaria o talhe de artefactos nucleares mais “pesados”, por oposição às indústrias de pedra lascada de tendência laminar e microlítica, dominante no Neolítico final da região.

Uma raspadeira exumada em Leceia na camada do Neolítico final, igualmente sobre lâmina e de tendência carenada (CARDOSO, 1989, Fig. 98, n.º 15), idêntica a exemplares de Carnaxide constitui um indicador crono-cultural de maior interesse que os materiais de Monsanto, por ser o único exemplar para o qual se conhecem condições estratigráficas precisas.

Os restantes tipos de raspadeiras, sobre lâminas ou lascas planas já anteriormente identificadas (ANDRADE & GOMES, 1959, p. 139) não contribuem para o esclarecimento da questão em apreço: raspadeiras sub-circulares, ou unguiformes, foram recolhidas em Leceia na camada Neolítico final nas calcolíticas.

Conclusão idêntica é extensível ao espólio cerâmico: tanto nas recolhas de ANDRADE & GOMES (1959) como nas que, ulteriormente, ali foram efectuadas, se obtiveram exemplares lisos e decorados, característicos do Neolítico final e do Calcolítico inicial, pleno e final. Porém, é desigual a importância da ocupação local no decurso das referidas fases culturais: os achados apontam para uma maior presença humana no Neolítico final e no Calcolítico final (campaniforme), conclusão que, aliás, os materiais cerâmicos ora estudados reforçam. Excluindo-se o uso, no Calcolítico final (campaniforme), da larga maioria dos restantes artefactos líticos recolhidos como as pontas de seta de base triangular ou convexa, micrólitos, furadores, etc., verifica-se que, também por esta via, se chega à conclusão destas indústrias líticas peculiares, onde avultam os picos e as raspadeiras espessas, se integrem, preferencialmente, no Neolítico final.

Qual a explicação para a ocorrência em Carnaxide, de forma tão nítida, desta rara indústria, no Neolítico final? Cremos que a resposta residirá no âmbito de actividades específicas, a que se entregariam os ocupantes do povoado. Os picos, além de furadores, poderiam ser usados como retocadores, correspondendo, neste caso a estação de Carnaxide a um povoado-oficina. Porém, se esta hipótese se adequa bem a Santana, já no respeitante à estação em apreço faltam os resíduos de talhe, os esboços e os núcleos susceptíveis de a apoiar. Considerando a raridade das raspadeiras espessas e a ausência total de picos no povoado pré-histórico de Leceia, designadamente na camada coeva da sua provável utilização em Carnaxide, e tendo em atenção a escassa distância que separa os dois locais (como atrás se disse, apenas 2,5 Km em linha recta), é-se levado a concluir que tais diferenças são, necessariamente, reflexo de actividades diferentes e forçosamente mais especializadas em Carnaxide, sem que, no estado actual dos nossos conhecimentos, estas possam ser melhor especificadas.

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Francisco Alves, director do Museu Nacional de Arqueologia, pelas facilidades concedidas no estudo do espólio ali conservado. À Associação de Arqueologia da Amadora, que deliberou oferecer ao Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras os espólios arqueológicos de diversas estações da área oeirense, entre os quais se integram alguns dos materiais de Carnaxide agora estudados.

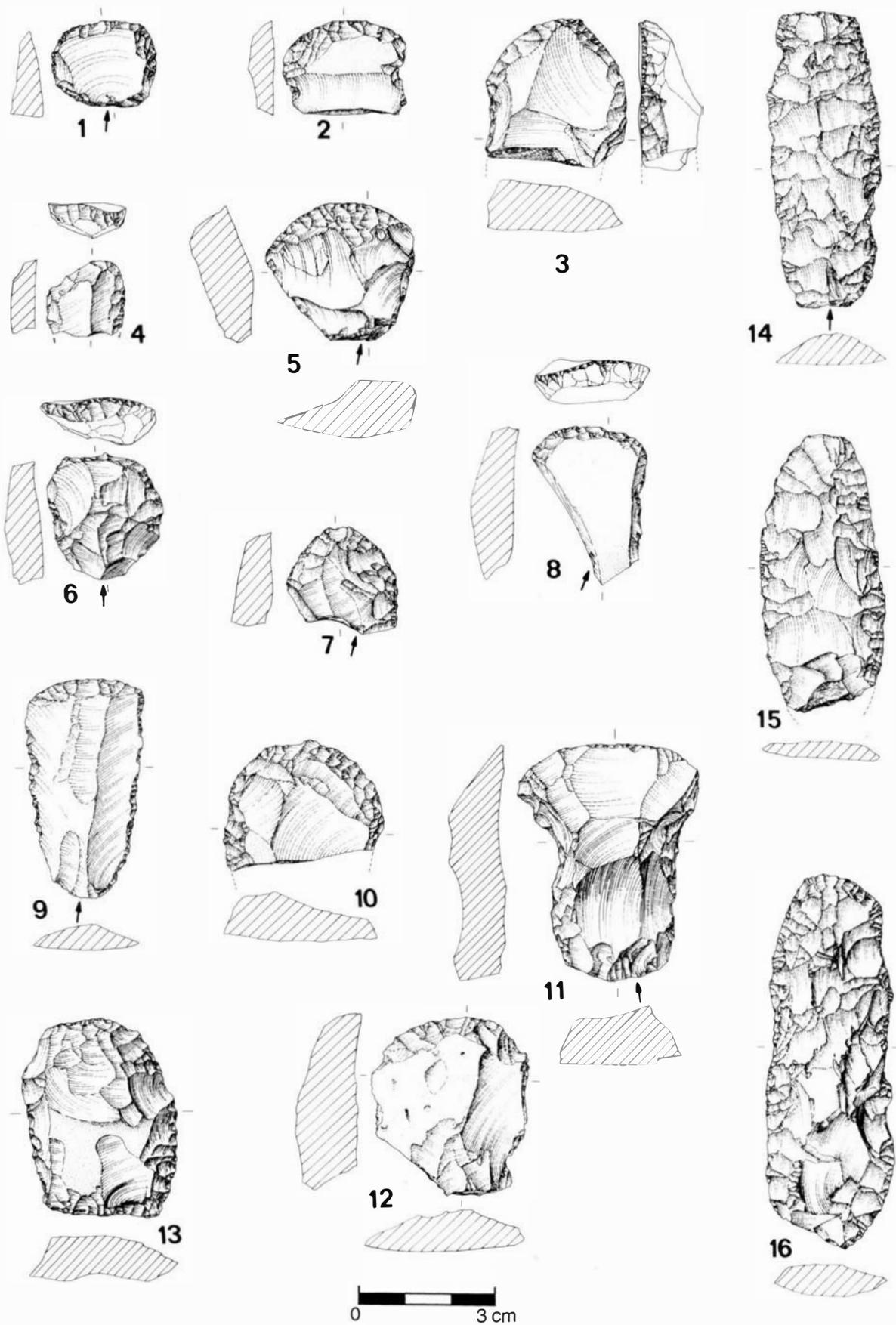


Fig. 9 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Materiais de pedra lascada.

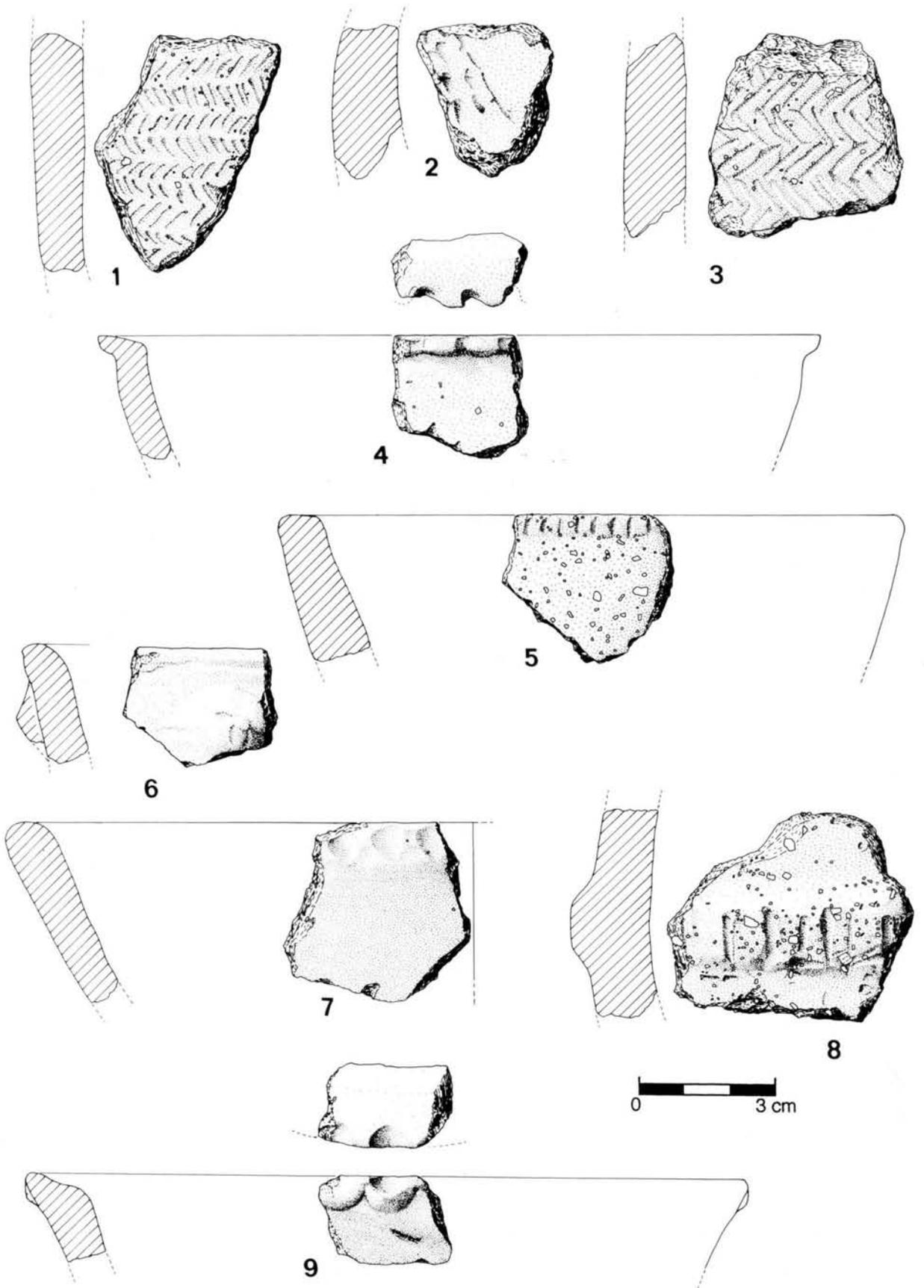


Fig. 10 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Indústria cerâmica.

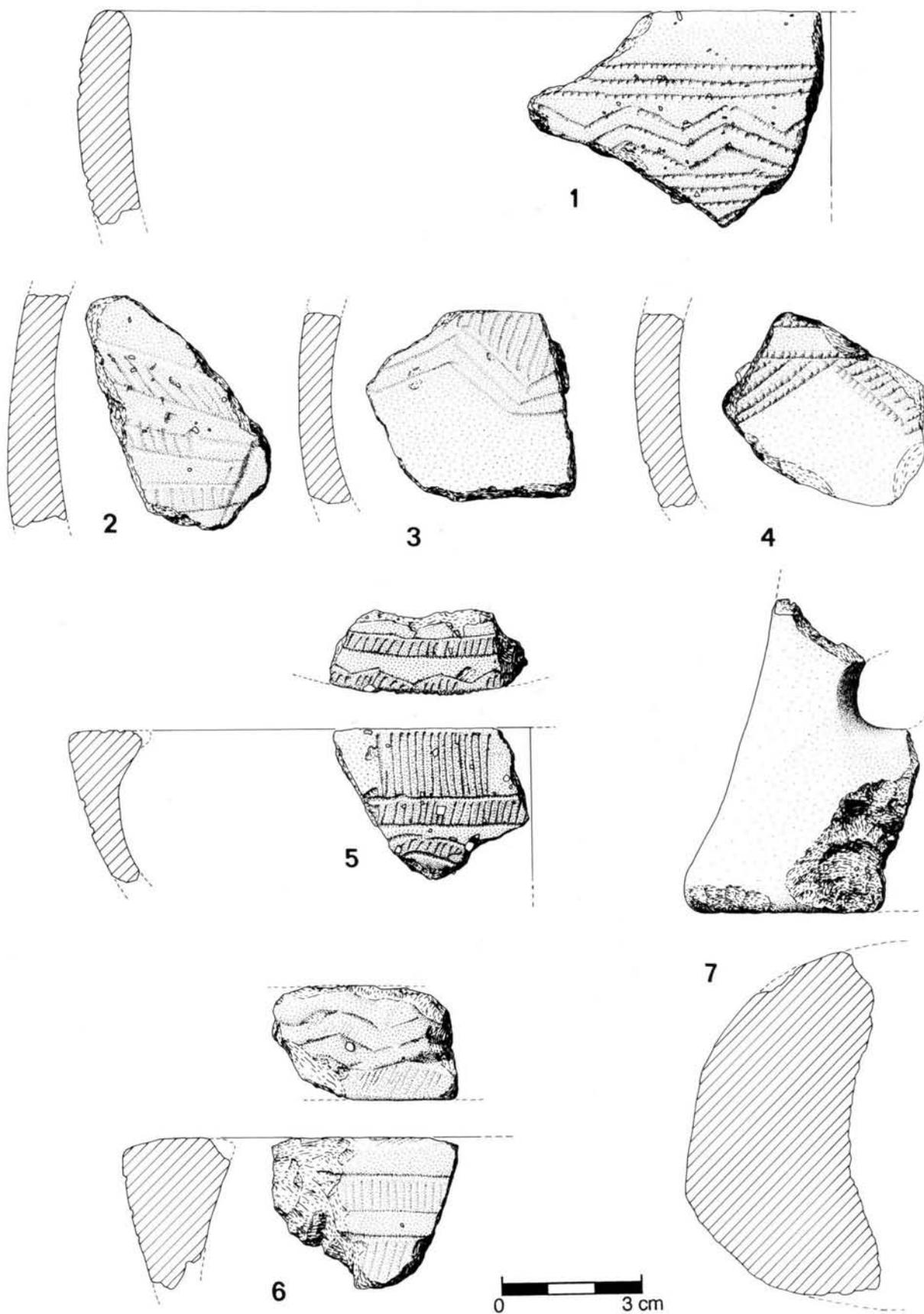


Fig. 11 – Povoado pré-histórico de Carnaxide. Indústria cerâmica.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, G. M. & GOMES, J. J. Fernandes (1959) - Estudo da estação pré-histórica de Carnaxide. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 137-146.

BREUIL, H. (1918) - Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*, 27-28, p. 34-39.

CARDOSO, J. L. (1981) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2ª. Parte. *Revista de Guimarães*, 90, p. 190-235.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1992) - Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*, Série II, 1, p. 23-26.

CARDOSO, J. L. (1995) - Leceia 1983-1993. *Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - Carta Arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, p. 1-126.

CARDOSO, J. L. & FERREIRA, O. da Veiga (1990) - Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia* (Assembleia Distrital de Lisboa), 1, p. 5-12.

CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) - Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-138.

CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) - A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*, 2ª. Série, 15, p. 13-18.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) - A ocupação neolítica do povoado pré-histórico de Leceia. Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 47-89.

CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1992) - Testemunhos de ocupação neolítica na serra de Monsanto. *Al-Madan*, Série II, 1, p. 15-18.

CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1994) - Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 69-78.

HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistoric Research - Peabody Museum. Harvard University, Bulletin 35. Cambridge, Massachusetts.

NATIVIDADE, M. Vieira (1899/1903) - Grutas de Alcobaça. *Portugalia*, 1, p. 433-474.

NOUGIER, L.-R. (1950) - *Les Civilisations Campigniennes en Europe Occidentale*. Édouard Privat. Toulouse.

OLLIVIER, J. (1945) - Une industrie d'aspect campignien parmi le paléolithique d'Amadora. *Bulletin des Études Portugaises*, 10 (1), p. 204-213.

- ROSEIRA, A. (1953) - Escavações em Leceia e no Vale do Jamor. *O Arqueólogo Português*, Série II, 2, p. 201.
- SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1895) - Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 182-191.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1896) - Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 2, p. 241-243.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) - Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 41 (2), p. 114-120.